

**DOS FIOS DAS REDES AOS FIOS DA MODERNIZAÇÃO: A PRÁTICA DOS ARTESÃOS DE TIMBAÚBA E SUA HISTORICIDADE ENTRE OS ANOS DE 1969 E 1982.**

José Janilton Gonçalves da Silva  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.  
[janilton.goncalves@hotmail.com](mailto:janilton.goncalves@hotmail.com)

Este artigo refere-se à história dos artesãos do bairro de Mocós na cidade de Timbaúba– PE, entre os anos 1969 e 1982. Tal história não seria facilmente compreendida se se ignorasse os esforços de amplitude internacional<sup>1</sup> voltados para a revitalização da prática artesanal, principalmente em muitos países altamente industrializados, bem como a importância econômica que o artesanato desempenhou em tais nações no período acima delimitado.

Embora a prática de fazer artesanato não fosse novidade no mundo, foi na década de 1970 que os artesãos foram inclusos nas pautas governamentais tanto de países chamados de subdesenvolvidos, como os da América Latina, por exemplo, quanto os de países desenvolvidos tal qual foram acima mencionados. Que efeitos práticos todo esse investimento teve sobre tais artesãos?

Se a segunda metade do século XX é marcada pela rápida recuperação do capitalismo durante o período chamado Pós-Guerra e também pelo recrudescimento da tecnologia e industrialização, faz-se oportuno questionar em que o trabalho dos artesãos atraiu a atenção das políticas públicas, a despeito de todo o ritmo lento da produção artesanal em antítese ao ritmo acelerado do mundo moderno. A propósito, julgo ser conveniente perguntar se esse mundo moderno alcançou a todas as pessoas de todos os

---

<sup>1</sup> Países adiantados como Japão, Itália, Bélgica, Suíça, para não nos alongarmos, desenvolvem seu artesanato e dele obtém enormes somas para seus fabulosos orçamentos. Na Noruega, tal é a importância do artesanato, que existe um ministério próprio. A Indonésia encontra no artesanato o principal suporte da sua economia. A República Federal da Alemanha tem registrado cerca de 4 milhões e 200 mil artesãos. Eis a fonte *verbum ad verbum*, sem comentários porque os números e as palavras falam por si mesmos: “em 1972 a venda foi da ordem de DM 207 bilhões. Isto corresponde a 14,1% da venda econômica alcançada no território da República Federal da Alemanha e com isto, o artesanato representa, ao lado da indústria, o segundo maior ramo econômico”. MARTINS, Saul. *Arte e Artesanato Folclóricos*. Rio de Janeiro, 1977. P. 12.

países. Os artesãos da década de 70 eram trabalhadores modernos? O que a prática de fazer artesanato representava para eles?

Porém, ao me debruçar sobre a história dos artesãos de redes e tapetes da cidade de Timbaúba – PE, convém ressaltar os cuidados necessários aos usos dos conceitos. Nos questionamentos do parágrafo anterior, utilizei a categoria artesãos de forma bastante genérica que não dá conta das especificidades de cada grupo de artesãos, seus locais, matéria-prima, o saber-fazer, organização e principalmente o sentido que aquela prática representa para eles.

Koselleck nos ajuda a pensar sobre os cuidados com a linguagem que se deve ter ao construir a narrativa sobre uma história passada ou mesmo uma história em curso:

Os acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as expressões que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas sem uma linguagem. Mas nem os acontecimentos nem as experiências se reduzem à sua articulação linguística. Pois em cada acontecimento entram numerosos fatores que nada tem a ver com a linguagem, e existem estratos de experiência que se subtraem a toda comprovação linguística. Sem dúvida, para serem eficazes quase todos os elementos extralinguísticos.<sup>2</sup>

Ao se ter ciência desta relação não simétrica, mas interdependente entre a linguagem e as experiências temporais, sou provocado a pensar o uso da categoria artesanato e mesmo artesãos sem incorrer em anacronismos e indiferenciação das práticas. Quem eram os artesãos de Timbaúba na década de 70? Como esses artesãos narram suas histórias nos dias atuais?

---

<sup>2</sup> **KOSELLECK**, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: contraponto, 2006. P. 267.

Processo de Feitura<sup>3</sup> das Redes



Figura 1 : Urdidura dos fios.



Figura 2: Transferência dos fios da urdideira para o rolo do tear.

---

<sup>3</sup> Neste *link*, o leitor poderá assistir ao processo de confecção das redes no bairro de Mocós em Timbaúba– PE. [https://www.youtube.com/watch?v=K6zg0b\\_MSJs](https://www.youtube.com/watch?v=K6zg0b_MSJs). Acesso em 01 de junho de 2019.



Figura 3: Parte em que se amarra os fios do rolo no linço do tear.



Figura 4: lançadeira. O tecelão a utiliza para fazer a trama.



Figura 5: Lançadeira com a espula. O fio que se usa na espula no momento de tecer é utilizado para fazer a trama.



Figura 6: Caneira. Dispositivo no qual se abastece a espula com fios.



Figura 7: Artesã enchendo a espula na caneleira.



Figura 8: Tear, peça onde se confecciona o pano da rede. Fonte: Museus Funjáder.

O artesão Manoel Porfírio, mas que atende por “seu Mané Branco”, recebeu-me em sua residência no bairro de Mocós em Timbaúba e concordou em participar de uma entrevista sobre suas experiência do tempo em que ele trabalhava na produção de redes. Além dele, outros artesãos também me concederam entrevistas. As informações que eles nos deram serão utilizadas como fonte histórica. Mas é preciso lembrar que tais fontes orais não visam a solucionar as lacunas, conforme Verena Alberti:

...a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, nem tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade - e a da história oral como um todo - decorre de toda uma postura com relação à história e às

configurações sócio-culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu.<sup>4</sup>

Desta forma, as falas dos artesãos reproduzidas neste artigo não dispensam o cruzamento das informações com outras fontes.

À pergunta sobre como era trabalhar na produção de redes, o Sr. “Mané Branco” respondeu:

É, todo ele era fabricante, mais fabricava pouco e eu com esse negócio, eu fui me embora ninguém me pegou não. Cheguei até possuir quinze teares trabalhando mesmo assim não era fix trabalhando direto não que tear tem semana que trabalha bem, tem semana que ele quebra e lá vai o tear. Seca é preciso botar rolo de rede, lá vai, eu cheguei a ter quinze teares mesmo trabalhando, arrumei uns fregueses bons, o freguês me dava trinta dias no fio e lá vai, lá vai, lá vai. Eu melhorei de vida, enriqueci, pode-se dizer, porque eu era, oxe, eu era o rei de Mocós. O safado daqui me chamava “do rei chegou lá de fora, enrica...” graças a Deus enriqueci mesmo, mas houve essas circunstância sei lá, tudo tem o tempo que dá pra bom e dá pra ruim, né? Eu fiquei, enriqueci, enriqueci, vendia rede na Guanabira, vendia rede em João Pessoa, vendia rede em Campina Grande, na Paraíba, vendia rede no Recife, vendia em Caruaru e dessa região aqui eu abastecia todo mundo com rede e outra coisa e tinha rede pra vender, você podia chegar pra comprar mil redes que eu tinha no tempo só rede grande, rede miúda, rede média, o tipo que o freguês quisesse, eu tinha freguês de São Paulo que vinha comprar rede aqui. O senhor mesmo acertou comigo de lá, então todo mês ele vinha, levava uma carrada de rede. Eu sei que eu vivi bem graça ao meu bom Deus, foi o tempo que eu vivi bem, dei muito serviço ao povo né, mas veio um contra-tempo, meu negócio foi para traz, mas não só foi para mim, foi pra todo ele, todo ele acabou-se.

---

<sup>4</sup> ALBERTI, Verena. *Ouvir e contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. P.5.

Aqui era um céu aberto. Essa hora o povo tudo tecendo, moendo, batendo, os teares trabalhando.<sup>5</sup>

O Sr. Manoel fala do tempo de prosperidade. Do tempo em que ele chegou a ter 15 teares. Essa informação corresponde ao que ele diz no início da fala: “todo mundo era fabricante”. O “fabricante” era como se denominava aquele artesão a quem pertencia os teares e quem contratava os demais trabalhadores para realizar as tarefas. A lembrança de prosperidade relacionada a ser fabricante de rede também foi relatada pelo Sr. Raminho, também um artesão do bairro de Mocós, quando falou “eu fui fabricante de rede e ganhei muito dinheiro”<sup>6</sup>. Como esse momento de prosperidade se relaciona à conjuntura econômica e cultural do Brasil? Teriam todos os artesãos daquele bairro sentido a mesma prosperidade mencionada pelos artesãos supracitados? A tabela organizada pela SUDENE quando da aplicação de seu Projeto de Melhoria da Comunidade Artesanal de Mocós em Timbaúba em 1969, ajuda a entender como era a renda dos vários trabalhadores envolvidos na produção das redes. Na linguagem da SUDENE, produtor é equivalente à fabricante de redes.

Segundo o projeto que a SUDENE implementou em Mocós, existiam nove funções que estavam envolvidas na produção de redes e tapetes em Timbaúba. E o melhor remunerado de fato era o produtor, com uma renda mensal de NCr\$ 172 e o menor remunerado chegava NCr\$ 44,00, conforme disseram Sr. Manoel e Sr. Raminho. Essas nove funções atuantes na produção de redes não eram necessariamente sequenciadas e nem desempenhadas pelas mesmas pessoas, ou seja, geralmente os artesãos conseguiam realizar todas essas atividades conforme a demanda.

---

<sup>5</sup> Entrevista com Manoel Porfírio da Silva em 13 de dezembro de 2018 na cidade de Timbaúba. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

<sup>6</sup> Entrevista com José Romualdo Rodrigues em 27 de outubro de 2018 na cidade de Timbaúba – PE. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

### **Políticas Públicas para o Artesanato no Brasil e os Artesãos de Mocós.**

No Brasil também houve políticas públicas na década de 70 para o artesanato. Partindo do Ministério do Trabalho, durante o governo militar Ernesto Geisel (1974-1979), foi criado, através do Decreto 80.098 de 08 de agosto de 1977 o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato – PNDA, primeiro plano de fomento criado pelo Governo Federal para o artesão brasileiro. Uma das expectativas desse plano era garantir o “escoamento da produção e renda a 1 milhão de pessoas<sup>7</sup>”. Esse assunto foi noticiado em muitos periódicos da época. As manchetes traziam esperança de renovação técnica e renda para os artesãos. “Ministério anuncia sistema nacional de comercialização” é a manchete do jornal O Liberal de 22 de outubro de 1978. Um trecho dessa notícia faz-nos pensar na questão numérica:

“os artesões (sic) brasileiros – aproximadamente 1 milhão, dos quais 430 mil estão no nordeste segundo um relatório da Organização das Nações Unidas – ONU, terão suas atividades reconhecidas pelo Ministério do Trabalho. O ministro Arnaldo Prieto, deverá anunciar nesta semana as primeiras medidas concretas que permitirão a entrada em funcionamento do sistema nacional de promoção e comercialização do artesanato.<sup>8</sup>

Para compreender a contemporaneidade do período analisado, contudo, é necessário “neutralizar as luzes que provém da época para descobrir as suas trevas...”<sup>9</sup> e procurar repensá-las de uma perspectiva panorâmica. Lembrar que o governo dos Estados Unidos e de alguns países ricos da Europa estavam também envolvidos com a produção artesanal, dá-nos uma pista para esta pesquisa.

A tônica era o discurso de desenvolvimento econômico do país para se chegar ao que o governo vigente chamava de modernização. Mesmo com o chamado “Milagre

---

<sup>7</sup> Revista *Visão*, 4 de setembro de 1978, P. 61

<sup>8</sup> Jornal O Liberal de 22 de outubro de 1978. P.9

<sup>9</sup> **AGAMBEM**, Giorgio. O que é contemporâneo e outros ensaios/ Giorgio Agambem Chapecó, SC: Argos:2009.



Econômico”<sup>10</sup> do governo anterior, a criação do PNDA de 1977 que visava a “garantir escoamento da produção e renda a 1 milhão de pessoas” faz-nos pensar em que termos o “Milagre” alcançou os artesãos.

Haja vista alguns objetivos que o PNDA estabeleceu para atender os artesãos estão:

Art. 2º. Constituem objetivos do Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato:

I - promover, estimular, desenvolver, orientar e coordenar a atividade artesanal a nível nacional;

II - propiciar ao artesão condições de desenvolvimento e auto-sustentação através da atividade artesanal;

III - orientar a formação de mão-de-obra artesanal;

IV - estimular e/ou promover a criação e organização de sistemas de produção e comercialização do artesanato;

V - incentivar a preservação do artesanato em suas formas da expressão da cultura popular;

VI - estudar e propor formas que definam a situação jurídica do artesão;

VII - propor a criação de mecanismos fiscais e financeiros de incentivo à produção artesanal;

VIII - promover estudos e pesquisas visando à manutenção de informações atualizadas para o setor.

Assim, penso de que forma um programa que visa a atender aproximadamente um milhão de artesãos em todo o país, pode dar conta das necessidades específicas das “210 famílias” de artesãos de Timbaúba em busca por financiamentos para comprar os fios com os quais teciam as redes e os tapetes, e também necessidade de escoamento de suas produções, sem alterar-lhes o sentido de produção para englobá-los a um sistema nacional?

---

<sup>10</sup> Designação utilizada pelos governos militares para se referir a um curto período de crescimento econômico entre 1970 a 1972 haja vista a conjuntura internacional. Tal crescimento divide opiniões, pois muitos pesquisadores do assunto afirmam que grande parte da população não foi beneficiada nesse período. Ver **PRADO e EARP**, Luiz Carlos Delorme e Fábio Sá. *O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973)*. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida. *O Brasil Republicano: O tempo da ditadura*.

A complexidade da situação exige que entrelacemos o PNDA com as políticas culturais do período que estamos analisando. Tamisa Ramos Vicente ao falar sobre as políticas públicas de turismo no Brasil, esclarece que os governos militares engajaram-se, através do Conselho Federal de Cultura - CFC, criado pelo Decreto-Lei 71, de 21 de novembro, na *defesa da cultura*. Segundo Tamisa Ramos Vicente, “a função primária do Sistema Nacional de Cultura e do Conselho Federal de Cultura seria conservar o acervo cultural já constituído e manter viva a memória nacional”.

Ainda sobre esse momento das políticas para a preservação cultural no Brasil, Ortiz afirma que:

“Não é por acaso que os institutos Históricos e Geográficos cultivam a memória dos grandes nomes da história nacional, e que os folcloristas se voltam para o estudo das tradições populares. [...]estabelecer ligação entre o passado e o presente [...], colocando o movimento de 64 como continuidade e não uma ruptura, valorizando as tradições da chamada cultura popular, pois o Popular é a essência da tradição e da identidade brasileira”<sup>11</sup>

Ortiz apresentou de forma muito apropriada a relação que o poder público federal imprimia à cultura popular e identidade nacional, muito parecido com o que existe no texto do PNDA que vincula o artesanato brasileiro ao caráter nacional. Expressões generalizantes não conseguem representar a historicidade de um grupo social e nem suas especificidades. Mas voltando ao texto de Renato Ortiz, questiono o que é cultura popular. Ou, como o poder público concebe a cultura popular? Ortiz oferece uma grande pista quando afirma que “para manter a unidade do país, devia-se proteger as manifestações culturais de todos o estados”<sup>12</sup>.É nesse bojo de preservação das tradições que surge o projeto de criação das Casas da Cultura:

Uma das primeiras iniciativas do Conselho Federal de Cultura (CFC) foi o incentivo à criação de conselhos estaduais de cultura, e esse estímulo era caracterizado por projetos de parceria, que só poderiam ser

---

<sup>11</sup> **ORTIZ**, R. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006. P. 90-97.

<sup>12</sup> Idém P. 90-97.

firmados com os órgãos de cultura locais. Esse intento promoveu o aumento significativo de órgãos de cultura locais, passando de dois conselhos estaduais para 22 estados com conselhos de cultura constituídos. Após essa primeira iniciativa, o CFC começou a contribuir para a criação de instituições culturais locais; daí surge os projetos de criação de Casas de Cultura, que teria como finalidade ser um catalisador de informações culturais locais (CALABRE, 2006).

Em Recife, a inauguração da Casa da Cultura<sup>13</sup> ocorreu em abril de 1976 no prédio onde costumava funcionar a Casa de Detenção. Nesse período em que no plano federal e, assimetricamente, no plano estadual se coordenavam as ações políticas ora para o artesanato, ora para a cultura popular, os “fabricantes de redes” em Mocós já tinham recebido, desde 1969, o Projeto de Melhoria da Comunidade Artesanal de Mocós em Timbaúba, PE, da SUDENE. Os objetivos desse projeto eram vários e visavam a melhoria de infraestrutura das habitações dos artesãos, em parceria com a Prefeitura de Timbaúba, realizar o calçamento das ruas e junto ao DSE<sup>14</sup>, levar água encanada para todo o bairro.

Além dessas ações, a SUDENE também implantou uma cooperativa para financiar a compra dos fios e buscar mercado consumidor para o escoamento das produções. Ou seja, tal cooperativa seria intermediária entre os artesãos e o mercado consumidor.

Ao rememorar sobre o envio de redes para vender na Casa da Cultura, o Sr. Raminho relata algumas informações:

---

<sup>13</sup> A Casa da Cultura foi um desdobramento da política federal através do CFC (Conselho Federal de Cultura) o qual pretendia preservar a cultura como símbolo de nacionalidade. Em Pernambuco a Casa da Cultura funciona, desde sua inauguração, no mesmo local onde funcionava a Casa de Detenção, cadeia construída no final do século XIX. Indico algumas bibliografias caso o leitor pretenda se aprofundar no assunto: CALABRE, L. Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura. Intellèctus. Rio de Janeiro, Ano 5, v.2. 2006. ORTIZ, R. Cultura Brasileira & Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 2006. <http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/casa-da-cultura/>, Acesso em 29 de julho de 2019.

<sup>14</sup> Departamento de Saneamento e Esgoto.

a gente se escondia do imposto, a gente levava a mercadoria do estado da cooperativa. Não tinha problema né, mas quando ia com mão limpa eles iam com a necessidade dos impostos. Se você não tinha nenhuma habilitação, tirava os imposto e ajudava muito...a gente deixava as redes dentro da... Detenção né... o artesanato construiu aquilo lá, que teve um ponto que não tinha mais nada, só tinha a história que era muito bonita, tão grande, então começamos derrubar naquilo, meter o pau na política. Era perigoso levar um tiro, mas não tinha medo naquele tempo, não temia nada graça a Deus, só o meu Deus, obedeci muito meu senhor Jesus... sim a gente.. era perigoso levar um tiro porque tava fazendo coisa errada... Levaram as redes pra Detenção, onde alguns tinham o nome na cadernação, outros colegas de Recife né, e tinha loja na Casa de Detenção, a gente fazia, o resultado era perigoso né, porque ia contra o governo, você sabe o que é o governo, o contrabando de bandido é o que mais tem. Aquele lugar era da cooperativa e a gente invadia por ter conhecimento com os caras que estavam por lá e algum administradores que estavam. A gente ganhava, ganhava no peito. É... por fora pra arrumar um dinheiro que não podia, onde a gente faturava bem era nessa cooperativa e antes da cooperativa era a Casa de Detenção a gente já tinha um certo conhecimento nele ligeiro, né, Marco de Olinda foi uma estrela cadente de Pernambuco, hoje é um ministro muito rico, ele não quer que diga isso não, mas graça a Deus, é rico e a gente tem a importância do que ele fez ajudou muito os artesãos.<sup>15</sup>

Pelo conceito de história enquanto singular-coletivo, pode-se imaginar quantos outros artesãos também empreenderam comportamentos parecidos. Essa atitude representa o que Certeau<sup>16</sup> chamava de trampolinagem, estratégias cotidianas e que marcam experiências temporais de um grupo social.

Tal relato é importante para que se contraste a ideia de cultura popular concebida pelo poder público com as práticas dinâmicas dos artesãos. Eles eram dinâmicos, possuíam táticas de compras de fios e vendas de redes. Dona Zezé, também artesã do bairro de Mocós, falou na entrevista que nunca se associou à cooperativa:

Não, não nunca fiz parte não [da cooperativa], porque eu acho que não dava certo não, era uma coisa muita, muita gente ganhando...querendo ser mais que o outro. Eu e meu marido a gente trabalhava com esforços nossos, trabalhava, vendia, comprava material e assim a gente continua trabalhando.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Entrevista com José Romualdo Rodrigues em 27 e outubro de 2018 na cidade de Timbaúba – PE. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

<sup>16</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

<sup>17</sup> Entrevista com Josefa Alves da Silva em 11 de dezembro de 2018 na cidade de Timbaúba. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

O relatos acima criam espaços e sentidos por meio de táticas, assim como os discursos (ver FOUCAULT, 1996). Através dos relatos, é possível ver algumas das especificidades daquele grupo de artesãos. A construção de uma narrativa sobre os artesãos de Mocós em Timbaúba deve prescindir, portanto, de uma visão anacrônica e unilinear sobre a prática artesanal daquelas pessoas. Em vez de folclorizá-los, a proposta desta pesquisa é conhecê-los a partir dos próprios termos. Como bem atestou o historiador Thompson, conhecer os costumes da cultura popular, neste caso, da prática dos artesãos de Timbaúba, não no sentido de conservação da tradição, mas inseridas em contextos históricos específicos.

Seu João foi também um fabricante de redes, ou seja, foi dono de vários teares e teve funcionários para a produção das redes. Quando perguntei a ele sobre a quantidade de tecelões (o funcionário que trabalha diretamente com o tear), ele respondeu:

Olhe tinha muito, muito, muito tinha faixa de uns ...uns cem tecelões. Eu mesmo já trabalhei até com dez tear. Cada tear era um tecelão e tinha muitas casas com tear era dez, era oito, era seis, era cinco dependia das condições da pessoa. Eram muitos. Começava de um até se tivesse condições de aumentar a fábrica, e a produção fosse saindo ia continuando, se tivesse lugar também fazer. Olha, na sexta-feira de duas horas por diante ninguém dormia mais. Começava assim: duas horas da madrugada quando dava nove dez horas tinha dado toda produção aí laigava, pronto.<sup>18</sup>

Havia muitas pessoas empregadas nas produções de redes em Mocós. Além dos “cem tecelões”, havia uma série de outras funções conforme vimos na tabela acima. Seu João não deixa claro a que período essa realidade se refere, mas pelos indícios é possível inferir que era uma época de alta produção da qual todos dependiam para viver.

Entrelaçar o PNDA, o Projeto de Melhoria da Comunidade Artesanal de Mocós em Timbaúba, PE, SUDENE, que foram políticas para o artesão, às políticas culturais que visaram a preservar a cultura popular como símbolo da nação, mas que entraram no circuito mercadológico para desenvolver o turismo (Ortiz 2006) por meio da

---

<sup>18</sup> Entrevista com João Francisco da Silva. Realizada em Timbaúba em 11 de dezembro de 2018. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

revitalização da cultura popular nas Casas da Cultura, é colocar face a face diferentes temporalidades quando as relacionamos à historicidade dos artesãos protagonistas desta história.

Canclini em *Culturas Híbridas* nos ajuda a pensar em que aspectos a modernização interferiu na cultura popular. As pessoas precisam sobreviver, mas para conseguir escoar suas mercadorias nesse novo contexto, alguma transformação deve haver na produção a fim de torná-las atraentes. É o que ele chama de culturas de fronteiras, nas quais há a convivência do tradicional e o moderno. Os artesãos aprenderam a gravar nomes de pessoas nas redes e a fazer diferentes gravuras geométricas, além de tingir fios para confeccionarem redes com cores mais bonitas e atraentes aos olhos dos turistas e possíveis consumidores.

Um depoimento bastante sintomático das transformações pelas quais a produção de redes de Timbaúba passaram durante a década de 1970, foi-me dado pelo tecelão Oscar Félix:

Lembro muito bem...em 83 teve uma época que não tinha rede que desse, era muito tecelão tecendo e o povo comprando tudo. Inclusive tinha uma rede pequena que se chamava tanguinha, essas tanguinhas não davam pra quem quisesse. Pegou um tempo de eleição, os candidatos compravam pra dar ao povo sabe, não tinha rede que desse, e quanto mais a redes mais bonita, mais bem tecida bonita, era que o povo escolhia nas feiras pra comprar, também não sobrava nada. Vendia em Maceió, Alagoas, Recife é ..todo canto , como é que a gente falou ainda agora, Rio Grande do Norte, a Bahia ui menino ia. Isso ia assim, muitos deles com trezentas e quatrocentas redes, dava quinze dias chegavam, tinha vendido pra levar outras... e buscar mais redes pra vender. E era assim, aquela beira de pista ali em Mocós , quando amanhecia o dia o que menos tinha, tinha uns trinta ali. Era , para pegar carro, pegar o ônibus para destacar no meio do mundo. Bem, a mudança é assim, tinha a lançadeira que eu disse num foi? Trabalha com quatro lançadeira, sabe, vamos supor, uma branca , uma vermelha, uma amarela e uma azul . Aí a gente no pensamento é que a gente vai trocando, fazendo aquelas padronagens bonitas trocando com essas quatro cores sabe, aprendeu. agora quando é a branca que ela é toda branca, a gente tece só com a lançadeira branca , pei, pei ,pei. É isso, isso com certeza, com certeza . Os ricos compravam mais as redes que se chamavam cruzetão. Esse cruzetão era uma rede que bota uma varadão bonita, num sabe, somente essa varanda hoje ela está custando bem uns oitenta reais pra fazer ela. Duas varadinhas bonitas assim , ela fica toda bege , e as redes que mais os ricos compram, os fazendeiros... Se vendia muito nas praias. Era, tinha uns tecelões fortes pra fazer porque ela era pesado né ! era

pesado! E quer saber os nomes? Começava os nomes delas: tanguinha que era a menor, sete varas a outra maior, depois vinha o tangão. Era uma rede, eu estou dizendo os tipos dela, a tanguinha é um tipo menor, a sete vara já era maior, num sabe... aí já passava pro tangão que era grandão, era pra os homão assim querendo ser, já pegava o tangão, do tangão a cruzenta né e depois vinham vários tipos. Tinha uma rede que se chamava penha, tinha esse xaxado que eu falei ainda agora, tinha rede de listrinha, tinha um fustão, tinha a cruzenta de duas cor, tudo tinha um nome, essa cruzenta de duas cores mesmo quando pegava um tecelão que sabia trabalhar mesmo na boniteza dela por exemplo no pintar dela, oxe, não dava pra ninguém<sup>19</sup>

Isto é, sem alteração nos estilos das redes não ficaria fácil alcançar os mercados então crescente naquele período em que os militares precisavam do discurso de modernização para legitimar a permanência no poder.

Conhecer a história desses artesãos a partir do sentido que eles imprimem ao trabalho realizado em meio a toda euforia de comercialização, viabiliza a ação de cidadania deles num mundo que está em constante transformação.

#### Entrevistas:

Entrevista com Manoel Porfírio da Silva em 13 de dezembro de 2018 na cidade de Timbaúba. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

Entrevista com José Romualdo Rodrigues em 27 e outubro de 2018 na cidade de Timbaúba – PE. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

Entrevista com Josefa Alves da Silva em 11 de dezembro de 2018 na cidade de Timbaúba. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

Entrevista com João Francisco da Silva. Realizada em Timbaúba em 11 de dezembro de 2018. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

Entrevista com o artesão Oscar Félix Correia em Timbaúba no dia 13 de dezembro de 2018. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

#### Sites

---

<sup>19</sup> Entrevista com o artesão Oscar Félix Correia em Timbaúba no dia 13 de dezembro de 2018. Entrevistador: Janilton Gonçalves. Transcrição: Janice Gonçalves.

[https://www.youtube.com/watch?v=K6zg0b\\_MSJs](https://www.youtube.com/watch?v=K6zg0b_MSJs). Acesso em 01 de junho de 2019.

<http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/casa-da-cultura/>, Acesso em 29 de julho de 2019.

#### Revistas

SUDENE Informa, da edição trimestral out/dez de 1976

Revista Visão 4 de setembro de 1978

#### Jornais

O Liberal de 22 de outubro de 1978 O Liberal de 22 de outubro de 1978.

JORNAL do Comércio, 31 de agosto de 1975.

#### Fontes Oficiais

*Projeto de Melhoria da Comunidade Artesanal de Mocós em Timbaúba, PE.* 1969.

Decreto 80.098 de 08 de agosto de 1977

#### Referências Bibliográficas

**AGAMBEM**, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*/ Giorgio Agambem  
Chapecó, SC: Argos:2009.

**ALBERTI**, Verena. *Ouvir e Contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

**CALABRE**, L. *Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura. Intellèctus*. Rio de Janeiro, Ano 5, v.2. 2006.

**CERTEAU**, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. vol 1 Petrópolis: Vozes, 1994.

**CANCLINI**, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*/ Néstor Garcia Canclini. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.



**FOUCAULT**, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1979. Edições Loyola 1996.

**KOSELLECK**, Reinhart, 1923-2006 *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Reinhart Koseleck; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira ; revisão de tradução Cesar Benjamim – Rio de Janeiro: contraponto: Ed. Puc, Rio 2006.

**MARTINS**, Saul. *Arte e Artesanato Folclóricos*. Rio de Janeiro, 1977.

**ORTIZ**, R. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

**PRADO e EARP**, Luiz Carlos Delorme e Fábio Sá. *O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973)*. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida. *O Brasil Republicano: O tempo da ditadura*.

**THOMPSON**, E.P. *Costumes em Comum* /E.P. Thompson ; revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

**VICENTE**, Tamisa Ramos. *Políticas Públicas de Cultura e Turismo. – O Entrelace das Ações nos Órgãos de Fomento ao Turismo em Pernambuco.-* Empetur e Emetur. CULTUR, ano 03 – n. 01 – jan/2009.

**VIEIRA**, Evaldo. *Brasil: do Golpe de 1964 à Redemocratização*.

